

REGISTRO E MAPEAMENTO DOS EX-VOTOS DO CEMITÉRIO DA BATALHA DO JENIPAPO EM CAMPO MAIOR

José Alisson de Oliveira Brito (Bolsista: ICV / UFPI), Jacqueline Lima Dourado (Orientadora: Departamento de Comunicação Social)

Introdução O homem sempre teve a necessidade de viver em sociedade. A linguagem e a comunicação evoluíram e conseqüentemente veio a descoberta da escrita, possibilitando a troca de informação entre sujeitos ou objetos à distância. A partir da criação da prensa de tipos móveis, desenvolvida por Gutenberg, no século XV, foi possível o desenvolvimento da comunicação, a produção em escala de livros e jornais, etc., com isso, mais pessoas tiveram acesso à informação. No entanto, nem todos tiveram acesso a esses meios e suportes, e permaneceram à margem da sociedade. No final da década de 1950, ao investigar os veículos jornalísticos tradicionais (TV, rádio, cinema, periódicos), o jornalista Luiz Beltrão percebeu que, no Brasil, o alcance desses meios não se estendia a toda a população. Em sua tese de doutoramento, decidiu investigar de que forma os povos rudes e excluídos, “grupos marginalizados”, do interior do país se informavam e de que modo transmitiam suas ideias, acabando por criar uma das mais originais contribuições brasileiras ao campo da comunicação, a teoria da Folkcomunicação. No município de Campo Maior, a 72 km de Teresina, capital do Piauí, aconteceu a Batalha do Jenipapo, assim chamada por ter acontecido às margens do rio Jenipapo. A batalha é considerada a única batalha violenta ocorrida no Brasil para a libertação do domínio lusitano. Inclusive, um combate desconhecido pela maioria dos brasileiros, onde a importância do Piauí no contexto nacional da independência é subestimada. Os brasileiros foram massacrados e transformados em heróis e em mito histórico-religioso pelo povo. No local da batalha foi erguido o Monumento aos Heróis do Jenipapo em concreto ainda no governo Alberto Silva (1971 a 1975), ao lado desse monumento jazem sepulturas, em um cemitério simbólico, com montes de pedras e um crucifixo (de madeira), tanto dos que morreram na batalha como também de pessoas, que ao longo do tempo usaram o campo como cemitério comum. O local atualmente serve também de ponto de peregrinação religiosa onde há uma mistura de reverência aos heróis anônimos da batalha e os possíveis “fazedores de milagres” ou santos populares, onde devotos fazem suas exéquias. Estes “santos”, apesar de não serem reconhecidos, oficialmente pela Igreja Católica, que segundo Santos (2003, p. 2), “foram popularmente canonizados” e acolhidos pelo povo. A história da batalha resiste por meio das histórias populares, do folclore em torno do cemitério e seus milagres e da concepção de turismo e peregrinação religiosa. A pesquisa em questão pretende dar conta do mapeamento e registro dos ex-votos, e entender a história da devoção as “almas do batalhão” no cemitério da Batalha do Jenipapo. **Metodologia** Foram realizados treinamentos por meio de leitura específica de obras referentes ao tema Folkcomunicação, entre elas, a própria tese apresentada por Beltrão em 1967 e treinamento em fotografia. Foi realizada uma primeira visita ao município de Campo Maior, local onde aconteceu a Batalha do Jenipapo afim de conhecimento sobre as origens da devoção, as rotinas, as formas de devoção popular através dos ex-votos encontrados no cemitério, conhecer a história da batalha *in loco*. Os ex-votos foram verificados e cadastrados segundo a tipologia de Jorge Gonzalez Gonzalez (1981), fornecida por Melo (2008), que distingue os

ex-votos como: figurativos, representativos, discursivos, midiáticos e pictóricos. Foi realizado como procedimento de análise um roteiro investigativo, seguindo a metodologia de Marques Melo (2006), o estudo de taxionomia e metodologia da folkcomunicação. Ainda segundo a metodologia, para o estudo e análise de ex-votos, é necessário que sejam observadas algumas variáveis: as “peças”; os “comunicadores” e suas “fontes” inspiradoras; os “receptores”; os “intermediadores”; os “atravessadores” que interferem na etapa da “recepção”; o “mostruário” “ou” “sala de ex-votos”.

Resultados e Discussão Inúmeras são as casas de milagres espalhadas por todo o Piauí. A cidade de Campo Maior não foge desse contexto religioso. Lá, como já foi salientado, aconteceu a única batalha violenta ocorrida no Brasil para a libertação do domínio português, a Batalha do Jenipapo. No local, onde ocorreu o combate foi construído um monumento e ao lado desse símbolo jazem sepulturas tanto dos que morreram na batalha como também de pessoas, que ao longo do tempo usaram o ambiente como cemitério comum. As sepulturas não tem nenhum tipo de identificação. Segundo os entrevistados quem faz a manutenção do cemitério são os devotos. Os que ali foram enterrados foram transformados pela comunidade em santos populares. A devoção as “Almas do batalhão” ou as “Almas da Batalha do Jenipapo” pode ser considerada como um fenômeno folkcomunicação, por conta das pessoas que frequentam e oram no cemitério aos santos não oficiais, e por se perfazer um meio popular de informação de fatos e expressão de ideias. A devoção virou tradição que ultrapassa gerações, passando de pai para filho, entre amigos, conhecidos que estabelecem, muitas vezes de forma oral, um canal de comunicação. Os conceitos beltrianos se multiplicam por todos os cantos do país uma vez que a camada marginal brasileira precisa ter alguma entidade espiritual a recorrer. Foram encontrados no campo santo 97 ex-votos. Os tipos encontrados no cemitério das “Almas do Batalhão” podem ser classificados, segundo a tipologia de Marques de Melo (2008) apud Gonzáles, como: **Figurativo** - Objetos que expressam a graça obtida ou um pedido cura: 15 partes anatômicas (dois seios feitos de barro, um tórax feito de gesso, seis cabeças feitas de madeira, três pernas feitas de madeira, dois pés feitos de madeira, um braço feito de gesso); No Cemitério da Batalha do Jenipapo podem ser encontradas e identificadas as seguintes variáveis: **“peças” e “conteúdos”** - Os ex-votos: ramalhetes, cruz, terço, caderno escolar, prova (avaliação de matemática), coroa de flores, objetos esculpidos em madeira, gesso, carta, etc; **“comunicadores”** - Os devotos ou pagadores de promessas; **“receptores”** Peregrinos presentes no cemitério ou aqueles que estão só de passagem (visitantes), que visitam o monumento da Batalha e por curiosidade visitam o cemitério. No cemitério da Batalha do Jenipapo não existe o “mostruário” “ou” “sala de ex-votos”, onde as peças são organizadas segundo critérios específicos. Os ex-votos são colocados pelos devotos ao redor da cruz presente no cemitério. Entre os ex-votos encontra-se a vela. As velas deixadas acabam, as vezes, provocando a queima dos outros ex-votos. Não há organização como acontece em alguns santuários e igrejas. Não há os “atravessadores” que interferem na etapa da “recepção”. Apesar que, devido a acumulação e as vezes a queima dos ex-votos, o funcionário, seu Frota, como é conhecido, que trabalha na manutenção do Monumento, aos “Heróis do Jenipapo”, quando ocorre a queima dos ex-votos ele apaga o fogo, evitando que se espalhe para os matos presente no cemitério e ao redor dele, impedindo a propagação e evitando que chegue até o monumento, principalmente na época de seca. O funcionário afirmou que isso acontece constantemente e que a cruz (de madeira) que fica no local já foi substituída algumas vezes pelos próprios pagadores de promessa. Os “comunicadores/fontes” em sua maioria chegavam até a cruz central do cemitério, acendiam uma vela (alguns ficavam de joelhos) e rezavam. Alguns

vinham acompanhados de crianças. Alguns tiravam fotos. Os “receptores”, em sua maioria iam ao Monumento da Batalha. Após a visita ao monumento se deslocavam até o cemitério. Alguns faziam o sinal da cruz (Pai, Filho e Espírito Santo), tiravam fotos e não demoravam muito. Mesmo encontrando 97 ex-votos no cemitério das “Almas do Batalhão”, existiam outros, mas não foi possível identificá-los, pois estavam queimados ou deteriorados. **Conclusão** Com embasamento nas leituras do alicerce teórica da folkcomunicação, como comunicação e o do observado acerca da cultura popular no cemitério da Batalha do Jenipapo e seus ex-votos, são verificadas algumas relações existentes entre ambas. Como o que diz respeito ao folclore, comunicação popular e tradição religiosa. Os fenômenos abordados apresentam estreita relação com princípios da folkcomunicação, esse importante elemento no processo de difusão e reprodução de saberes e cultura popular, e crenças em santos populares. A classificação tipológica mostrou que os devotos usam os ex-votos para comunicar seus milagres e graças atendidas. Que cada pagador de promessa escolhe um tipo de pagamento de promessas, ex-voto, que veicule da melhor forma a graça atendida. A cultura de devoção é passada nas histórias dos mais velhos, de forma oral, que fazem promessas a essas almas, por acreditar na cura que eles proporcionam às pessoas.

Palavra-chave: Ex-voto. Folkcomunicação. Batalha do Jenipapo.

Referências

SANTOS , J. X. A menina sem nome: um espaço e comunicação folk. **Revista Internacional de folkcomunicação**. Vol. 1, n. 1 (2003) - Artigos e Ensaios, p. Disponível em: < <http://www2.metodista.br/unesco/revistafolkcom/Revista.pdf>>. Acessado em fevereiro de 2012.

MARQUES DE MELO, José (Org.); GOBBI, Maria Cristina (Org.); DOURADO, J. L. (Org.) **Folkcom Do Ex-Voto à Indústria dos Milagres: A comunicação dos Pagadores de Promessas**. Teresina: EDUFPI, 2006.

MARQUES DE MELO, J. **Mídia e cultura popular: histórias, taxionomia e metodologia da folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008, p. 84-86.